

é um bem essencial mas
 A paz não é um fim em si. É uma condição necessá-
 ria para garantir o desenvolvimento institucional, econômico, social
 e cultural de qualquer país, para preparar o futuro - futuro melhor.
 Prefiro apreciar os conflitos (sociais, políticos e eventualmente
 armados) passados e os conflitos presentes em África, do ponto de
 vista da sua gestação endógena. Não, pela via da sobrestimação dos
 acréscimos de dificuldades colocadas por fatores externos
 desfavoráveis e perversos.

Em grande medida, os conflitos africanos (crises africanas, crises
 eleitorais, pobreza ou fragilidades africanas) têm causas internas,
 resultantes de debilidades institucionais [baixas capacidades
 institucionais] e de fragilidades socioculturais (fraca integração
 nacional). Contudo, esta constatação não exclui que haja
 aproveitamentos ou ingerências de terceiros.

Não pretendo dizer que os factores externos não compliquem a
 tarefa. Pois, complicam, e grandemente! Quero dizer, também, que
 estes factores externos desfavoráveis não devem ser absolutizados;
 devem ser incluídos preferentemente entre os obstáculos maiores
 que têm que ser superados. As relações entre o centro e a periferia?

Entre as causas que podem facilitar a ocorrência de conflitos em
 África, coloco a capacidade insuficiente das instituições dos "Estados
 pós-independência" que podem não ter estado a corresponder às
 suas obrigações nem a fornecer respostas oportunas e satisfatórias às
 expectativas das respectivas sociedades ou, ainda, não dão respostas
 adequadas aos deveres do Estado soberano, nos domínios da
 integração nacional, do desenvolvimento institucional, do
 desenvolvimento socioeconómico e da satisfação das necessidades
 básicas imediatas.

Em segundo lugar, ponho a problemática da qualidade das lideranças
 nacionais: até onde as lideranças, anteriores e actuais, têm estado à
 altura dos desafios; gozam da confiança nacional necessária;
 despertam e garantem o envolvimento [a responsabilização] da
 sociedade e, finalmente, dão resposta aos problemas e desafios
 nacionais mais prementes?

Para vencer ou reduzir os riscos de crises, precisamos de uma
 resposta positiva a estas duas questões: um Estado de Direito,

mentalidade maniqueísta / sanccionatória / e a reconciliação
lógica / Par e justiça (jurídica) / caso / crime / crime
 TPI, justiça dos senhores

Revolução do
 terceiro milénio
 honesto e coerente
 Afro-afrikan
 ideias facebidas
 brevemente
 espírito crítico
 Centro-superior
 superior democracia
 em
 o que é ser de
 esquadras, hoje?
 liberdade
 fim de ilusão
 fim de história
 flexar os ados

Archieve
 Uma nit melhor
 Anos do mundo

política
 política
 sobre os efeitos
 da lei dos
 outros.

crises

legítimo, representativo, inclusivo (integrador das componentes nacionais) e eficiente; e uma Liderança nacional (individual e colectiva) lúcida, capacitada e comprometida com os destinos da Nação. É a partir daí que se pode equacionar o resto e construir as respostas às consequências decorrentes da inserção económica internacional e da sujeição aos ditos "paradoxos globais".

X Sabemos que a chamada globalização é uma operação multidimensional, assimétrica insensível, onde não há favores. Encontram-se em presença, países e economias com poderes, capacidades e forças políticas, capacidades económicas, financeiras e tecnológicas diferenciadas, em que se manifestam relações de dominação, de um lado, e de clara dependência, de outro. Os possíveis "paradoxos globais" resultam dessas relações assimétricas de dependência e mais, precisamente, das discrepâncias em poderes, em recursos materiais e humanos e em estádios de desenvolvimento. É claro que podem resultar, também, de opções interesseiras e de vistas curtas.

Sendo assim, coloca-se a questão ^{prática} de saber de que maneira reduzir essa assimetria e atenuar o seu peso nas decisões e na evolução da economia mundial. Devemos agir!

Não se pode adoptar uma atitude crédula e esperar uma transferência automática, generosa e solidária de recursos e de bem-estar, do lado dos países mais desenvolvidos para o campo dos países menos desenvolvidos, na base de deveres morais. Seria interessante, mas as coisas não têm funcionado assim. E, nunca funcionaram assim!

Na vida real não há almoços grátis. A solução ^{vem de nós e} está em como acelerar e aprofundar o nosso próprio processo de desenvolvimento; em como reduzir as relações de dependência e ganhar progressivamente, mais autonomia de decisão e de escolha de políticas, em todos os domínios; e, finalmente, em produzir muito mais riquezas. Logo, que políticas públicas para se conseguir realizar estes objectivos? O cerne

Ciberespaço e
ações práticas

da resposta reside precisamente aqui, na natureza dos poderes instituídos e na qualidade das políticas públicas implementadas.

Os "paradoxos globais" ^{relações entre o centro e periferia / novo centro} [aprofundamento das desigualdades, em contradição com as potencialidades e os recursos existentes, a especulação sobre os produtos alimentares¹ e outros consumíveis] resultam justamente dos efeitos práticos dessas diferenças de poder e de interesses entre as economias; e das diferenças de capacidades tecnológicas entre os actores. Também, podem decorrer de políticas concebidas e aplicadas, tão-somente, na base de interesses egoístas e imperiais. Seria ingénuo esperar que as soluções para os nossos problemas virão exclusivamente da boa vontade de terceiros.

As nossas políticas públicas devem ter um fundamento responsabilizador e uma vocação libertadora [de redução dos factores de dependência], isto é, devem estabelecer prioridades que permitam ultrapassar as ameaças decorrentes de políticas provindas de entidades com interesses diferentes dos nossos. Por exemplo, porque não colocar a segurança alimentar como a primeira entre as prioridades governativas? [passar de consumidor para produtor] ?

Mudar de atitude: de consumidor a produtor.
Outrossim, há novos conflitos que fogem à lógica de oposição de interesses e contra-interesses. Refiro-me aos conflitos de cariz religioso, que dão mostras de querer multiplicar-se [Mali, Somália, Nigéria]. Não seria razoável nem realista assumir uma atitude de desvalorização deste fenómeno. Torna-se urgente a necessidade de o apreciar e de aprofundar o conhecimento das causas e dos seus suscitadores. *(incentivadores)* Choque de civilizações?

Com certeza, é anti-ético especular sobre os produtos alimentares, sobre os medicamentos e sobre a água, com impactos catastróficos na segurança humana. Mas, seria possível impor uma ética internacional nesta matéria?

Estou em crer que "no actual contexto mundial, os africanos são chamados a produzir a sua própria visão da mundialização:

¹ A produção de bio-combustíveis?

A (modo multibanco) de ambiente

africanos

de 1950
incentivos
enfrentar os
tabus.

precizamente
correcto
reciprocidade

minimização

X

promovendo a integração económica e a implementação de políticas públicas que permitem a redução das diversas formas de dependência; a diversificação de parcerias externas e a busca de mercados alternativos aos mercados tradicionais; a promoção de sistemas financeiros sólidos, credíveis e dinâmicos que respondam aos desafios actuais do desenvolvimento. De igual modo, urge investir na capacitação e na melhoria da produtividade dos recursos humanos e da competitividade externa das economias nacionais.”

africanas

“Julgo, também, que é urgente identificar e vencer os défices de que são portadoras as sociedades e instituições africanas. Desses défices, derivam desafios a enfrentar e a superar, tais como:

- a. Edificação de Estados estrategas, eficazes e inclusivos;
- b. Elevação da qualidade e da eficácia dos Estados soberanos nacionais;
- c. Promoção de reformas e modernização das sociedades, a fim de vencer a inércia social provocada por prevalência de determinados valores tradicionais conservadores, erigindo em prioridade entre as prioridades o desenvolvimento humano, assente na Educação e na Formação;
- d. Promoção e elevação da cultura institucional e da cultura democrática, associadas ao estímulo da participação popular;
- e. Elevação da qualidade do sistema Educação e das capacidades das instituições universitárias e dos institutos de investigação científica, apoiada em políticas públicas de investigação pertinentes;
- f. Estímulo e fixação de capacidades científicas, tecnológicas e de investigação nos países respectivos e estancamento do fenómeno de fuga de cérebros;
- g. Superação do défice tecnológico, energético e informático; e aproveitamento das enormes potencialidades em energias alternativas e hidráulicas;
- h. Expansão e modernização das infra-estruturas e meios de comunicação (aérea, terrestre, marítima) e de telecomunicações;

desafios

- i. Promoção, densificação e modernização dos tecidos industriais e agro-industriais;
- j. Fortalecimento do sistema bancário e financeiro;
- k. Modernização da agricultura, actualmente, marcada por uma prática tradicional e de baixa produtividade, pela instrução e formação dos agricultores e pela expansão da agricultura irrigada, tendo como horizonte final a garantia de uma efectiva segurança alimentar. *Africa celeiro do mundo nos próximos 30 anos?*
- l. Elevação das capacidades das lideranças políticas, económicas e sociais."

Só satisfazendo estas condições, poderemos ultrapassar os riscos colocados pela globalização assimétrica e pelas suas consequências.

Durban, Outubro 2012.

*→ falta-nos ambição?
visão?*

a crise mundial (americana e europeia)

chama-nos a repensar tudo.

- Petrobras
- Sonangol
- Bancos

nos o Brasil
a Índia
a China
África

protecção
des rigurosas
nacionais